

## AO DOMINGO

## Estamos condenados ao medo, com atentados como o de Nice?



**Fernando  
Gomes**  
Economista

É cada vez mais difícil não pensar que o que aconteceu àquelas centenas de pacíficos cidadãos que em Nice assistiam a uma sessão de fogo de artifício poderia ter acontecido a qualquer de nós. Depois do 11 de setembro de 2001 e do arrepiante ato terrorista que destruiu as Torres Gémeas e vitimou milhares de pessoas indefesas, em Nova Iorque, a Europa passou a ser, no mundo ocidental, o centro destes ataques. Madrid, Londres, Paris, Frankfurt, Oslo, Toulouse, Bruxelas, Copenhaga, Istambul, Nice, são cidades que fazem parte do nosso espaço de convivência, de proximidade, onde muitos de nós têm amigos, familiares, relações de trabalho. É impossível não pensar que amanhã pode ser um de nós a estar no sítio errado à hora errada. Mas então vamos agora entrar em paranoia e ver as nossas cidades como espaços ameaçadores? De cada vez que virmos um camião-frigorífico ou alguém com uma mochila às costas, vamos fugir? Não, a vida seria um inferno e tudo temos que fazer para que assim não seja. Mas a intranquilidade existe e daqui ao medo vai apenas um passo. ●●



**Sebastião Feyo  
de Azevedo**  
Reitor  
da Universidade  
do Porto

Não estamos condenados, nem devemos ter medo. Devemos em primeiro lugar reagir com muita firmeza, em defesa da vida, adotando todas as medidas de segurança interna que sejam necessárias. E temos que refletir racionalmente. Num Mundo global em que culturas muito diversas se encontram e necessariamente têm que conviver em ambiente multicultural nas grandes metrópoles, estes atentados sobre a população civil representam atos de guerra contra o modelo social e político do Ocidente, perpetrados por grupos, tanto externos como residentes, que o rejeitam e que se aproveitam da bondade da sua interpretação dos valores da liberdade e da dignidade humana. Tivemos recentemente Nice e Paris, mas não esqueçamos o massacre na Noruega, há cinco anos. Temos que ser firmes na defesa da nossa cultura, nesse quadro multicultural. Partindo desta referência, temos que questionar a nossa permissividade interna, desde logo na forma como aceitamos no nosso quotidiano comportamentos impunes de desrespeito por princípios sociais e éticos elementares. Este resvalar de valores tem debilitado muito a confiança das populações no modelo político, tem alimentado os movimentos antidemocráticos e em limite tem-nos levado ao poder, mesmo através de coligações entre extremos ideológicos. Estão por aí, por todos estes países do Ocidente, casos e nomes. Reflitamos pois sobre as causas e adotemos as necessárias medidas que as eliminem ou atenuem, em defesa da vida. ●●